

BAHAMAS 2013

Já se tinham passado mais de quinze anos desde que o multimilionário António da Purificação havia arribado com a família ao paradisíaco arquipélago das Bahamas fixando-se em Nassau, a capital do país, que era um verdadeiro paraíso fiscal, por excelência, e um dos maiores centros financeiros do mundo. Senhor de uma enormíssima fortuna, a vida decorria envolta num mar de rosas e longe estavam os conturbados tempos de Angola quando, sem nada ter feito para isso, se viu envolvido numa operação de tráfico de diamantes cujo desfecho foi torná-lo podre de rico. António nunca quis pensar muito nos contornos da operação em que se viu envolvido, não obstante ter plena consciência de que passou a haver um cutelo de vingança a pender sobre a sua cabeça. Por essa razão, resolveu refugiar-se nas Bahamas porque o dia da retaliação poderia chegar de forma improvisada quando menos o esperasse.

Ao longo desta década e meia, apenas por três vezes António se atrevera a dar um pulinho a Portugal, mais precisamente ao Algarve, onde mantinha uma bela vivenda dotada de um admirável e bem cuidado jardim que servira de “refúgio” aos diamantes “herdados” de uma operação

alheia. Efectivamente, na altura dos acontecimentos, António não sabia muito bem o destino a dar àquela enorme quantidade de pedras preciosas “caídas” no seu regaço, só lhe ocorrendo escondê-las, muito bem escondidinhas, até ver como paravam as modas! Dentro da sua moradia algarvia seria sempre muito arriscado, daí ter resolvido cavar uma loca bem funda no jardim, onde ocultou os diamantes protegendo-os previamente dentro de um pequeno baú de ferro galvanizado. Desconfiando até da própria sombra, António da Purificação viveu solitariamente aterrado durante seis meses e, não aguentando mais, contou à família a situação. Postos ao corrente das circunstâncias, todos concordaram em desenterrar o baú e abalarem de Portugal onde o risco seria sempre muito elevado. Em escrutínio familiar, o destino escolhido foram as Bahamas com passagem por Amesterdão onde pretendiam desfazer-se dos diamantes. A viagem até à capital do país das túlipas decorreu sem incidentes e a transacção da preciosa carga foi feita a troco de uma fortuna quase incalculável, tal era o tamanho da “encomenda”, “herdada” por um inocente António em pleno aeroporto de Luanda, mercê de uma troca de malas feita à-sorrelfa quando se aprestava para viajar até Portugal!

Multimilionário como era, António da Purificação utilizava o seu próprio avião para viajar e como já não ia a Portugal, fazia quase cinco anos, instruiu o piloto ao seu serviço para preparar o necessário a fim de poderem viajar no

início da Semana Santa rumo à terra dos seus antepassados onde tencionava passar a Páscoa. Toda a família viu nesta viagem apenas o aproveitamento de um pequeno tempo de lazer fora das Bahamas, só que António tinha a sua fisdada pois, na realidade, pretendia surpreender os familiares com uma ida a Molelos, a terra dos seus avós paternos onde nunca os tinha levado, aproveitando assim o tempo pascal para lhes mostrar a forma entusiasmante e fraterna como naquela aldeia se vivia a ressurreição de Jesus Cristo.

Na data aprazada para a partida, e quando já se aprestavam para rumar ao aeroporto, surgiu um pequeno imprevisto: Raul Pederneira, o genro de António, teria de se deslocar ao Banco antes da partida. Raul era advogado, mas não exercia a profissão porque liderava os negócios financeiros da família e cabia-lhe resolver praticamente todos os assuntos a nível financeiro. Face à iminente partida para o aeroporto, Raul ainda tentou resolver o problema telefonicamente, todavia, foi confrontado com a inevitabilidade de uma deslocação ao Banco administrador da maior fatia dos valores mobiliários do clã Purificação, porque era necessário assinar alguns documentos que não podiam ficar em suspenso durante todo o tempo programado para aquelas miniférias, devido a estarem em causa negócios inadiáveis de suma importância. Leonete, a esposa de Raul, ainda sugeriu ficar também para lhe fazer companhia, todavia o pai não esteve pelos ajustes:

– Olha, minha querida, eu percebo a tua intenção, mas o tempo urge e a experiência diz-me que uma pessoa sozinha desvencilha-se muito melhor. – E virando-se para o genro: – Olha Raul, desenrasca-te como quiseses, contudo, não te esqueças da hora do voo. Está marcado para as 11h30 e sabes muito bem como os horários dos voos são rigorosos, principalmente os particulares – Alertou com a autoridade conferida pela sua posição de patriarca da família.

– Não se preocupe senhor meu sogro, vão andando nas calmas e fique descansado porque à hora certa lá estarei. Ademais, o assunto no banco não deve ser demorado e vou chamar o Xavier, o meu taxista “fura-vidas” para quem não existem obstáculos. Olhe, às tantas ainda chego ao aeroporto primeiro.

– Ainda tens outra opção melhor – sugeriu com alguma ironia a sogra, Anita dos Prazeres – se o tempo começar a escassear pede ao chefe da polícia para te arranjar uma escolta! Afinal de contas passas a vida na jogatina de poker com ele!

– Ó mãe, deixe-se dessas coisas – apaziguou Leonete Antónia – o Raul sabe muito bem as linhas com que se cose! – E virando-se para o marido: – Olha, meu menino, não te esqueças da distância daqui até ao aeroporto pois sempre são dezasseis quilómetros e por vezes o trânsito é caótico. Com o “fura-vidas”, ou outro qualquer, os quilómetros não encurtam, entendes!